

Análise comparativa das culturas latino-americana, oceânica e moçambicana na perspectiva sociológica

Sousa Horácio Bartolomeu 

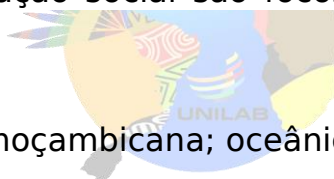
ORCID iD <https://orcid.org/0009-0007-6596-7510>

Estevão dos Anjos Mwinimadzi 

ORCID iD <https://orcid.org/0009-00009-5395-8849>

RESUMO

Neste artigo, fazemos uma análise comparativa das culturas latino americana, oceânica e moçambicana na perspectiva sociológica". Com este estudo, pretendeu-se descrever as particularidades e os esquemas das culturas culturais latino americanas, oceânicas e moçambicanas. O estudo classifica-se como descritivo, devido os nossos objectivos de descrever com exactidão as características de diferentes culturas apresentando as suas diferenças em continentes diferentes. Para a obtenção de dados, recorreremos a pesquisa bibliográfica que culminou com a leitura de alguns artigos, livros e boletins, e no final concluímos que a diversidade cultural num contexto globalizado constitui uma oportunidade de troca de informações e novas aprendizagens em relação as culturas alheias e por outro lado constitui um desafio na medida em que os povos em estudo são obrigados a desapegarem das suas tradições e costumes culturais face a Globalização e Modernização isso implica entender que a identidade e a interação social são focos de nova geração cultural ao longo dos séculos.



PALAVRAS-CHAVE

Cultura; latino americana; moçambicana; oceânica; sociologia.

 Graduado em Ensino de Português e Inglês pela Universidade Púnguê Extensão de Tete na Faculdade de Letras, Ciências Sociais e Humanidade (FLCSH). Possui formações complementares de Inglês e Espanhol. É docente na Universidade Zambeze - Faculdade de Ciências Agrárias afeto no Departamento de Disciplinas Gerais leccionando as disciplinas de Técnica de Expressão de Língua Portuguesa, Inglês Técnico, Pedagogia Geral. Avaliador de artigos científicos nas revistas brasileiras. Desenvolve pesquisas nas áreas de Linguística, Educação, Necessidades Educativas Especiais, Sociologia e Engenharia alimentar. É autor de vários artigos científicos publicados nas revistas brasileiras, indianas, timorenses e americanas. Além disto, é escritor com algumas participações em antologias nacionais e internacionais, e é autor de algumas obras literárias. E-mail: sousahoracio5@gmail.com

 Graduado em Geografia e Historia pela Universidade Pedagógica. Possui formações complementares em Organização dos processos de concurso de chamadas de propostas para captação de financiamento pela ORPHAD, e em Acção Social pela Internacional Community Development People. É formando em curso de curta duração em Psicologia Gnóstico pelo Instituto Gnóstico do Brasil. É pesquisador na área de Sociologia. reginaarcangelo62@gmail.com

Comparative Analysis of Latin American, Oceanian, and Mozambican Cultures from a Sociological Perspective

ABSTRACT

In this article, we present a comparative analysis of Latin American, Oceanic, and Mozambican cultures from a sociological perspective. This study aimed to describe the particularities and patterns of Latin American, Oceanic, and Mozambican cultural cultures. The study is classified as descriptive, due to our objective of accurately describing the characteristics of different cultures, presenting their differences across different continents. To obtain data, we used bibliographic research, culminating in the reading of several articles, books, and bulletins. In conclusion, we found that cultural diversity in a globalized context constitutes an opportunity for the exchange of information and new learning in relation to other cultures, and on the other hand, it constitutes a challenge insofar as the peoples under study are forced to detach themselves from their cultural traditions and customs in the face of globalization and modernization. This implies understanding that identity and social interaction are the focus of new cultural generations throughout the centuries.

KEYWORDS: Culture; Latin American; Mozambican; Oceanic; sociology.

Vergelykende ontleding van Latyns-Amerikaanse, Oseaniese en Mosambiekse kulture vanuit 'n sosiologiese perspektief

ISIFINYEZO

Kulesi sihloko, senza ukuhlaziywa kwesibuyokezo sesiko lamaLatin America, i-Oceania kanye neMozambiki ngokombono wezokuxhumana kwabantu. Ngalesi sifundo, bekuhloswe ukuchaza izici ezihlukile nezinhlelo zesiko lamaLatin America, i-Oceania kanye neMozambiki. Ucwaningo luhlukaniswa njengoluchaza izinto, ngenxa yezinhloso zethu zokuchaza ngokunembile izici zezisiko ezihlukene nokubonisa umehluko wazo emazwekazini ahlukenene. Ukuqoqwa kwedatha kwenziwa ngokusebenzisa ucwaningo lwezincwadi oluphethwe ngokufunda amanye ama-athikili, izincwadi nezincwadana, futhi ekugcineni saphetha ukuthi ukuhluka kwesiko emhlabeni jikelele kuyithuba lokushintshana ngolwazi futhi ukufunda okusha maqondana namasiko kwabanye futhi ngakolunye uhlangothi kuyinselelo njengoba abantu abafundwayo buphoqeleka ukulahla amasiko nezindlela zabo zokuphila ngenxa ye-Globalization ne-Modernization, lokhu kusho ukuqonda ukuthi ubunikazi nokusebenzisana komphakathi kuyizinto ezigxile kusizukulwane esisha sobuciko ngokuhamba kwamakhulu eminyaka.

AMAGAMA ANGUKHIYE

Isiko; laseLatin America; laseMozambiki; lase-Oceania; isosioloji.

Introdução

O estudo relacionado às questões socioculturais já foram desenvolvidos por vários autores como Civita (1973), Derruau (1976), Meneses (2014), Chissale (2016) e vários outros. Neste artigo, pretendemos trazer alguma

descrição das características culturais latino americana, oceânica e moçambicana na perspectiva sociológica. Como é do conhecimento, a cultura é descrita observando aspectos linguísticos, mitológico-científico, religioso e sistema familiar e ela pode se analisar de forma comparativa olhando as diferenças e similaridades destes aspectos culturais obedecendo as três culturas citadas acima. O termo cultura de acordo com Burns (1995, p.85) é o conjunto com certo grau de integração e coordenação de todas as maneiras de pensar, sentir e agir, partilhadas por um grupo social e decorrentes da vida associativa humana, as quais como comportamentos adquiridos, não transmissíveis pela herança biológica.

Elementos da cultura

Antes do desenvolvimento do trabalho, é preponderante conhecer os demais conceitos propostos por mesmo autor. Para Burns (1995), para que haja uma classificação do termo cultura, é necessário correlacionar algumas expressões como Costumes, Complexo cultural, Traços culturais, Padrões culturais, Difusão cultural e Mudança cultural como veremos mais adiante.

Segundo Burns (1995), o termo costumes refere-se ao conjunto de comportamentos humanos regulados pela cultura. Doutro lado, o complexo cultural é um outro termo que se refere ao conjunto de traços estruturado em torno de uma actividade básica. E, os traços culturais para o mesmo são o conjunto de gesto, palavra, um objecto uma ideia, um costume, uma crença que seriam os tais átomos ou partículas da cultura.

Ainda Burns (1995), apresenta outros termos que não se podem dissociar á cultura como os padrões culturais que segundo este autor seriam a estima que certos grupos usam para ou cultivam seja na religião ou instituições sociais básicas, enquanto a difusão cultural seria a aceitação de um traço ou complexo cultural recém-criado pelo grupo ou importado de outro grupo, a difusão inversamente e a maior responsável pelo enriquecimento cultural. Para finalizar, o mesmo autor apresenta um outro elemento que é a mudança cultural olhada como um processo mais amplo do que a mudança social, pois implica qualquer alteração ou substituição no campo das ideias, crenças, a técnica, a linguagem, dos costumes etc, (p.102).

Além dos elementos apresentados acima, a língua segundo Burns (1995) também compõe a cultura conceituado como o sistema arbitrário, não somente a nível fonológico, como também gramatical. Para este autor, “todas as línguas no mundo contém milhares de palavras e uma complexa gramática”, mas se esquecem de que uma das línguas difíceis é as dos índios. É lógico que, numa cultura, não há palavras para coisas que são conhecidas até que o sejam. Por isso a língua dos povos pré-letrados (desde os latino americanos, moçambicanos-africanos até aos aborígenes-oceânicos) aparenta uma limitação de expressão quanto aos inúmeros objectos da vida civilizada. (p.102).

Descrição dos esquemas básicos da cultura latino americana, oceânica e moçambicana

Wissler (s.d, citado por Carvalho, s.d, p.86), estabelece um esquema básico para análise das diferentes culturas e propôs nove (9) itens que julgava fossem atendidos de uma ou de outra forma em todas as sociedades como: Linguagem, traços mentais, mitologia e conhecimento científico, família e sistema social, religião, propriedade, governo e guerra. Por fim resta-nos consignar que os analistas ainda delimitam áreas culturais e geográficas onde há grandes similaridades quanto a traços, complexos e padrões culturais dos grupos humanos que nelas estão localizados. No contexto de raça tangente a cultura, pode se observar que, todos os homens pertencem a mesma espécie – homo sapiens.

Carvalho, (s.d, p.88), apresenta alguns traços raciais entre moçambicanos, índios (latino americanos) e polinésios (oceânicos). Para os índios americanos segundo Civita (1973, p.2508), apresentam uma pele bronzeada e cabelos bronzeados. Para este autor, este grupo faz parte da raça mongoloíde variando na sua miscigenação entre caucasoíde e negroíde.

O antropólogo italiano Imbelloni em 1938, desenvolveu estudos relacionados com o povoamento da América do ponto de vista biológico, acentuando os pontos caracteres diferenciados de todos os índios americanos. Diferenças de origem entre os vários grupos indígenas ocasionaram características biológicas próprias nas populações ameríndias, igualmente características próprias são atribuídas a adaptação dos povoadores do Novo

Continente como consequências das condições ambientais nas diversas regiões.

O protótipo índio encontra-se entre as actuais populações da Sibéria, da China, Ocidental, da Mongólia, do Tibete, da Coreia, do Japão, das Filipinas, e da Ilha Formosa. Estes imigrantes asiáticos embora pertencendo a mesma raça fundamental, não eram absolutamente homogêneos sob ponto de vista étnico. Correspondiam a vários subtipos de tipo amarelo, falavam línguas diferentes, tinham culturas diferentes. Além disso, insiste no facto de que, apesar das diferenças estruturais, etnográficas, sociológicas e linguísticas, há entre os índios um conjunto de caracteres comuns que significam uma origem geral também comum. (p.2810).

Para Civita (1973, p.86), os negros oceânicos possuem certos equilíbrio entre os traços caucasóides e mongolóides acrescidos de certos característicos negróides (lábios finos, grande quantidade de pelos, cabelo liso), nariz estreito, as vezes cabelo liso/ondulado, poucos pelos, grande capacidade craniana. Para mesmo autor, as características australóides apresentam o crânio alto e estreito, maxilares salientes, nariz largo e achatado são encontradas em ancestrais de diferentes raças em lugares afastados.

Segundo Derruau (1976, p.119), as raças australianas hoje em dia muito reduzida numericamente, apresenta características semelhantes as anteriores embora a estatura média seja mais elevada, a pilosidade mais acentuada e se note nos seus membros um certo prognatismo.

Como podemos observar, no contexto das raças entre estas duas etnias, pode-se inferir que as diferenças notadas estão no tom da pele, estatura, capacidade craniana bem como aspectos corporais, quanto as semelhanças observamos: serem descendentes do mesmo tronco racial "*homo sapiens*".

No contexto da Linguística segundo Burns (1976):

Na Oceânia: na Micronésia não se usa nem o dedo nem o lábio inferior quando aponta para um objecto, mas sim, fecha-se um olho na direcção do objecto. Uma tribo de índios, vive de frutas e caça, mora em casas de palha e quase não usa roupas muitas vezes tem uma vida normal muito melhor do que o povo por exemplo da cidade. Por isso vamos tomar o cuidado de não dar o título de " selvagem" a uma pessoa que para nós é aparentemente inferior só porque ela não tem os mesmos costumes que nós. (p.14).

De acordo com Derruau (1976, p.140), as línguas da Oceânia reúnem-se o grupo malaio-indonésio línguas como o indonésio oficial, faladas por homens de raças muito diversas e das quais se aproxima o malgaxe), o Melanésio, disperso em numerosos dialectos, as línguas dos indígenas australianos, tasmaniano e as línguas papuas.

Na América Latina:

...as línguas indígenas da América muito numerosas (novecentas, quando Cristóvão Colombo desembarcou) e muito variadas, passaram no entanto a segundo plano com predomínio do inglês, do espanhol, do português e do francês. No entanto, algumas houve que sobreviveram tendo ainda hoje certa importância como sucede com quichua do Peru, o *aymarada* Bolívia e o *guarani* do Paraguai, que constituem a base de um movimento indianista que procura neles o fundamento de uma civilização nacional, (Derruau, 1976, p.141).

Segundo Civita, (1973, p.2810), é interessante notar que as palavras melanésias “ *embarcações, canoa, remo, água salgada ou mar* ”, encontram correspondentes exactos em *hoka* (língua morta da região do Peru), e palavras como *ilha* e *penhasco* tem radical idêntico a terra. Outras são muito próximas das línguas costeiras, do Peru ao Chile. *Batata-doce*, por exemplo, tem quase o mesmo sem em *quichua* e nas variações das línguas polinésias. A batata-doce (*Pomea batatas*), sempre desempenhou papel primordial na vida social de muitos arquipélagos oceânicos e os botânicos demonstraram que a sua introdução na América data de um passado longínquo.

Tudo indica que essa identidade não existe por mera coincidência. Os factores linguísticos entretanto apoiam mais a origem oceânica. As palavras *inhame* e *taro* são semelhantes da costa do Peru e nos dialectos polinésios, e o machado encontra correspondente próximo em polinésio e aracauno (Língua dos indígenas do Chile).

Segundo Chissale (2016):

no contexto moçambicano, o Vale do Zambeze, no centro de Moçambique, foi um ponto de encontro de diferentes povos, desde os falantes de línguas Bantu que encontraram os caçadores-recolectores (entre Africanos), seguindo-se os Asiáticos, e Europeus. Este processo tem sido genericamente relatado, como sendo uma colonização, por exemplo em relação aos falantes de línguas Bantu para com os nativos caçadores-recolectores, e posteriormente dos Asiáticos e Europeus para com os falantes de línguas Bantu. A chegada destes povos é marcada por novas tecnologias e diferentes hábitos e costumes que, em

muitas ocasiões sendo novas, as sociedades locais acabavam por adoptar.

Como notado acima podemos concluir que, as línguas da Oceânia reúnem-se o grupo malaio-indonésio ao passo que as línguas indígenas da América muito numerosas e muito variadas algumas sobreviveram tendo ainda hoje certa importância como sucede com *quichua* do Peru, o *aymarada* Bolívia e o *guarani* do Paraguai, que constituem a base de um *movimento indianista* que procura neles o fundamento de uma civilização nacional. Quanto as semelhanças notamos que, os dois povos têm um tronco comum malaio-indonésio e indianista, isto se dá pelo facto da pronúncia e significado das palavras presentes nas duas etnias estudadas.

Conhecimento científico e mitológico

Segundo Derruau (1976), na mitologia e no conhecimento científico:

As línguas indígenas da América muito numerosas (novecentas, quando Cristóvão Colombo desembarcou) e muito variadas, passaram no entanto a segundo plano com predomínio do inglês, do espanhol, do português e do francês. No entanto, algumas tiveram que sobreviver tendo hoje certa importância como sucede com *quichua* do Peru, o "*aymarada*" Bolívia e o *guarani* do Paraguai, que constituem a base de um movimento indianista que procura neles o fundamento de uma civilização nacional, de acordo com (p.141).

De acordo com Civita, (1973, p.821), entre as crenças existem uma fala de perda da alma de quem morrer fora do território tribal. Nesse mito da alma que não pode voltar ao lar reside parte da tragédia dos primeiros tempos da colonização, quando os aborígenes se viram deslocados de força para longe de suas áreas, cedendo lugar ao gado trazido pelos europeus em grande quantidade. A lenda australiana da origem do mundo tem influência no ritual dos nativos. Eles acreditam que, no começo dos tempos da Terra era chata e terminava em horizonte. Vieram então criaturas gigantescas, como a grande serpente que criaram as montanhas, rios, árvores. Ainda para Civita (1973), sobre o povo latino-americano " asteca", existem numerosas lendas. A mais difundida conta que:

os astecas eram de Aztlan, região identificada geralmente com a Califórnia ou o Novo México ou com a Florida. Consta que de lá partiram com outros povos de língua nahuatl ou méxica pouco depois do ano 1000 d.C. Por volta de 1300 após numerosas lutas chegaram ao actual vale do México. Duas profecias marcaram a

história dos astecas: uma explicava as suas origens, outra falava do retorno do deus Quetzalcoatl, que ficaria para sempre entre eles. Segundo a lenda a chegada a “terra prometida”, seria indicada por um sinal: visão de uma águia devorando uma serpente no alto de um cactús gigantesco em forma de candelabro. Numa ilhota do lago Texcoco (na actual cidade do México), guiados pelo chefe Tenoch, os astecas viram esse sinal e concluíram ter encontrado ali o centro de sua expansão. (p. 2094)

Ainda para Civita (1973, 963), os índios do Chaco dão extraordinário valor aos cantos e ao som dos chocalhos que acompanham todas as cerimónias mágicas e mesmo fora delas, quando, por exemplo acorda a noite após um pesadelo ou quando quer o amor de uma moça. Aí, canto e chocalho entram em acção. Isso para que o barulho do chocalho afugente os maus espíritos. Ainda assim os astecas acreditavam que, antes de sua era, quatro outras existiram – e desapareceram.

A primeira chegou ao fim porque o Sol deixou de seguir seu rumo normal, veio a escuridão e os jaguares comeram homens; a segunda extinguiu-se varrida por tremendos furacões, os homens fugiram para as montanhas e viraram macacos; a terceira pereceu sob uma chuva ardente de areias e pedras; a quarta acabou por causa de um dilúvio que destruiu tudo e fez dos homens, peixes. A razão dessa concepção de mundo provavelmente estava na total dependência da vida da sociedade asteca organizada na base tão - só agrícola, astro-sol e das forças naturais, de acordo com (Civita, 1973, p. 963).

Diferenças e semelhanças dos povos latino-americanos, oceânicos e moçambicanos

Como descrito notamos uma similaridade mitológica entre ambos povos quando abordam sobre as origens do Homem, onde os animais tornam como objecto da análise da narração, na dissemelhança encontramos os povos oceânicos são mais lendários e míticos mais no sentido supersticioso alegando a serpente como ser mitológico e base da sua explicação de eventos tribais, ao passo que, os latinos americanos se fundamentam na cosmogonia sobre a origem do Homem e por outro mitológico alegando animais selvagens como um dos elementos base da explanação da origem humana.

Outra diferença muito relevante é que, os oceânicos eram uma comunidade mais recolectora e caçadora onde as suas explicações são mais fundamentadas em animais imaginários que reais opostos aos latinos americanos são uma comunidade caçadora, recolectora e agrícola que

encontram a cosmogonia, eventos celestiais (estações do ano) entretanto ambos povos eram influenciados pelo determinismo geográfico pelo facto de serem submissos as leis da natureza para a realização das suas actividades do quotidiano.

Metodologias

A nossa pesquisa foi descritiva que se caracteriza segundo Gil (1999) como a que descreve as características de determinada população ou fenómeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. A mesma pesquisa é olhada por Triviños (1987, p. 110), como “um estudo que pretende descrever “com exatidão” os fatos e fenómenos de determinada realidade”, de modo que o estudo descritivo é utilizado quando a intenção do pesquisador é conhecer determinada comunidade, suas características, valores e problemas relacionados à cultura.

O estudo é importante, pois descrevemos as características de diferentes povos acompanhadas de uma breve comparativa sociológica. Para a coleta de dados recorremos a pesquisa bibliográfica. Segundo Vergara (2000) como a que é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos e é importante para o levantamento de informações básicas sobre os aspectos direta e indiretamente ligados à nossa temática. De facto, para a elaboração deste estudo, recorreu-se a alguns manuais já desenvolvidos incluindo, livros, artigos e boletins e esta leitura foi muito importante, pois conseguimos, de forma sólida, fazermos uma análise, na perspectiva dual, de um lado a análise teórica do tridimensionalismo cultural e de outro a análise de literaturas sobre o comportamento cultural do tridimensionalismo (latino americano, oceânico e moçambicano).

Análise comparativa das culturas

Quadro 1: Aspecto religioso em algumas dimensões

Povos	Religião Professada		Base religiosa		Navegadores	Autores
Latino-americano	Antiguidade	Modernidade	Antiguidade	Modernidade	Cristóvão Colombo	Marime, (2017, <i>apud</i> Derruau, 1976)
	Animismo	Catolicismo, Protestan	Culto aos antepassados-	Evangelização com		

		tismo	Deuses em formato de objectos, animais	recurso a Bíblia Sagrada ou Protestante		
Oceânico	Animismo	Protestantismo feitichismo e religiões tribais	Culto aos antepassados-Deuses em forma de objecto	Evangelização com recurso a Bíblia Protestante, culto aos deuses/e espíritos	James Cook	Derruau (1976)
Moçambicano	Gule Wankulu (tribo chewa), culto aos antepassados, Islamismo (zona costeira do Norte de Moçambique)	Catolicismo, Protestantismo, Islamismo	Culto aos antepassados-Deus em forma de objectos, Alcorão	Evangelização com recurso a Bíblia Sagrada ou Protestante ou Alcorão	Vasco da Gama	Marime (2017)

Fonte: Autores (2025)

Observados as similaridades e diferenças na arena religiosa, daqui infere-se que, os oceânicos eles tem conhecimento da magia bem como conhecimento espiritual, mas baseada em seus costumes tribais que civilizacionais (bíblicos), eles acreditam no poder do mal e do bem por outro lado eles acreditam no poder da natureza para a cura de males assim como também na ocorrência de crenças de espíritos bons e maus, deste modo havendo oferendas de sacrifícios diversos aos espíritos para variados fins, ao passo que os povos latinos americanos eram politeístas pois adoravam variados deus e espíritos, ainda assim usavam sacrifícios do sangue humano para contentar os deus ou espíritos com vista a trazer protecção ou bênçãos ao povo tribal, este povo tinha conhecimento um pouco aperfeiçoado na arena do calendário o que conferia algum tipo de domínio científico sobre os oceânicos ao mesmo tempo que se poderia condenar os actos sacrificiais e sanguinários

pois isso impediria nos tempos actuais a vivência por muito tempo neste as tribos.

Quanto as similaridades todas estas sociedades são animistas, politeístas bem como sofreram o processo da cristianização europeia o que confere-lhes o protestantismo e catolicismo europeu para além de serem povos sanguinários e sacrificiais. Enquanto, a cultura moçambicana é inicialmente monoteístas e depois politeístas ou seja se formos a considerar no sentido restrito o povo chewa e monoteísta, no sentido lato e politeísta por práticas tradicionais aos Deuses dos antepassados. Contudo estes pontos mencionados nos contextos raciais, mitológicos, sociais e religiosos são elementos básicos para a construção de um tapete social principalmente para a construção de uma sociedade cada vez mais célere e globalizado de conhecimento cultural. Outra coisa essencial é que, todas estas regiões estudadas (sul americana, moçambicana e oceânica) foram evangelizadas observando os esquemas interpretativos teológicos e missiólogos de Severino Dianich no contexto de modelos de missão (*Missão ad gente* e *Missão contra gente*).

De acordo com Civita, (1973, p. 2095), vários clãs formava uma comunidade às vezes dividida em distritos. Aí, a autoridade era exercida pelo chefe de um clã poderoso que se dizia ser descendente directo dos deuses criadores que lhe haviam conferido “*mana*” (poderes sobrenaturais). Por esta razão o chefe muitas vezes acumulava poderes de sacerdote. Cada clã tinha um chefe geralmente o homem mais velho.

Como supracitado existem uma distinção entre tribo e clã, em algumas partes do Mundo isso parece não ter sentido nenhum, mas observado em povos cujos são mais conservadores e tradicionais ou religiosos, implica que estes termos supõem, que estejam atrelados ao contexto histórico e etnográfico daí que, os povos latino-americanos e oceânicos terem observado e relevado os termos clãs e tribos isso em parte devido o carácter unitário e suas práticas culturais face a defesa em relação aos outros povos, alheios a eles, note-se que tratasse de uma certa suposição do investigador e não que as literaturas apresentam este ponto de vista do patriotismo e carácter cultural na engendração tribal ou clã.

Conceituasse Tribo como o conjunto de pessoas que descendem de tronco comum e que ocupam um mesmo espaço geográfico sob autoridade de

um chefe. Ao passo que, Clã é o conjunto de famílias com antepassado comum. Definidos os termos culturais, podemos inferir que, os povos latino-americanos e oceânicos no passado eram povos mais sociais, organizados em ordem tribal, em clã bem definidos como o estilo familiar deles, possivelmente pode descender do comportamento agro-recolector assim como cinegética que por sua vez exigiam que cada membro familiar pudesse contribuir com as suas actividades para a sua sobrevivência dentro da família assim como um meio de pagamento ao chefe tribal desta forma estava formada a organização política em miniatura local e não civilizacional.

Segundo Civita, (1973, p. 2810), além das palavras, factos e tradições confirmam um contacto directo entre a Oceânia e a América antes dos descobrimentos do Novo Mundo. As tradições polinésias falam também de terras situadas além das ilhas da Páscoa. Lendas e tradições dos índios americanos falam da chegada de estrangeiros as costas de suas nações. A Teoria de Povoamento mais aceite é a de Imbelloni, director do Instituto de Etnologia de Buenos Aires, ele acentua as diferenças entre as tribos, provando que o povoamento se fez através de sucessivas imigrações de sete tipos humanos distintos: tasmanóide, australóide, melanesóide, proto-indonésio, indonésio, mongolóide e esquimó.

Como descrito pelo autor, o conjunto cultural, morfológico e linguístico destes dois povos (latino-americanos e oceânicos) são de tronco comum, difere do povo chewa que surge do tronco Bantu, ou seja da comunidade de caçadores e recolectores outrora que habitaram a África, embora haja um distanciamento espacial e uma socialização cada vez mais complexa com outros povos (europeus, asiáticos e africanos).

De acordo com Meneses, (2014), citando Lopes, realça que os *nyanjas* crêem num Deus único a quem designam por “*mulungu*” que comanda, criou todas as coisas e pai de todos eles. Acreditam também na superstição e por conseguinte na feitiçaria. Como observado acima, os *nyanjas* e *chewas* são mesmos povo, embora haja uma confusão de desígnio, portanto parece que, a crença num único Deus deriva inicialmente da religião (Gule Wankulu) outrora praticada e por outro lado com a introdução das religiões de matriz europeia (Catolicismo e Protestantismo) e africana (Zione), mas cabe salientar que os africanos também são politeístas quando cultuam e veneram os deus dos

antepassados, no contexto da feitiçaria e poderes mágicos de facto até actualmente existem estas práticas sendo que são usuais para situações de cerimónias célebres ou mesmo simples para ajudar na interpretação de acontecimentos misteriosos seja de desaparecimento de bens ou pessoas entre outros aspectos.

Num trabalho desenvolvido em Dedza por Zubieta, numa região fronteiriça do Malawi e Moçambique, quando certa anciã lhe advertiu e nos citamos: *Escuta! Nada do que verás no interior deste lugar podes revelar. E se fizeres, tu morrerás*, Zubieta, (2006, p.60, citado por Meneses, 2014, p.166). Como descrito, aqui não se trata apenas de secretismo ou mas sim também tratasse de reverência aos espíritos dos antepassados, assim como em relação as suas práticas, basta que observemos alguns termos linguísticos como: *“Escuta! Nada do que verás no interior deste lugar podes revelar”*, algo significa “mistério por se desvendar, requer atenção, por outro lado, tratasse de um mistério revelado, mas que a sua auscultação e propalação das informadas obtidas devem ser mantidas a todo custo seja protegidas”. Tudo isso não perpassa de, uma simulação entre o medo e a revelação do mistério há pessoas ignorantes ou curiosas, apenas em função da idade e estado civil ou presentes naquele ritual.

Considerações finais

Com este trabalho, cujo objectivo era de saber as particularidades das culturas latino americanas, oceânicas e moçambicana percebemos que, a diversidade cultural num contexto globalizado constitui uma oportunidade de socialização, troca de informações e novas aprendizagens em relação as culturas alheias e por outro lado constitui um desafio na medida em que os povos em estudo são obrigados a desapegarem das suas tradições e costumes culturais face a Globalização e Modernização isso implica entender que, a identidade e a interação social são focos de nova geração cultural ao longo dos séculos, em geral podemos concluir que, todos os homens pertencem a mesma espécie – homo sapiens.

A presença dos troncos linguísticos esta relacionado com a diversidade das línguas sendo que as três culturas em foco colaboram para a tal ilação, portanto, no tangente ao quadro da expansão linguística moçambicana, o Vale

do Zambeze, no centro de Moçambique, foi um ponto de encontro de diferentes povos, desde os falantes de línguas Bantu que encontraram os caçadores-recolectores (entre Africanos), seguindo-se os Asiáticos, e Europeus. Finda a expansão da fé cristã estava correlacionado com interesses económicos no Novo Mundo em detrimento dos povos locais, como observado na América Central e do Sul, apesar da reacção fortemente negativa dos colonizadores.

Referências

- BURNS. B. (1995). **Costumes e Cultura:** Uma introdução a antropologia missionária. 3.ed. São Paulo: Vida Novas.
- CARVALHO, M. I. (s/d). **Introdução aos estudos sociais.** Fundação Getúlio Vargas.
- CHISSALE, F. (2016). Contactos **culturais e gestão de monumentos históricos na província de Tete:** O caso do forte dom Luiz. Departamento de Arqueologia e Antropologia. Maputo: UEM.
- CIVITA, V. (1973). **Conhecer abril Cultural.** São Paulo.
- DE OLIVEIRA, M. (2011). **Metodologia científica:** Um manual para a realização de pesquisas em administração. Góias-Catalão.
- DERRUAU. M. (1976). **Geografia Humana.** Brasil: Vol.1, Editorial Presença. Biblioteca de Textos Universitários. p.119-145.
- GIL, A. C.(2008). **Métodos e Técnicas em Pesquisa Social.** 5.ed. São Paulo.
- MARIME, B. (2017). **Breve retrospectiva ao historial de relacionamento entre a Igreja Católica e o Estado em Moçambique:** Maputo.
- MENESES, I. (2014). **Globalização Urbanismos Culturas Locais.** Moçambique: Instituto Superior de Artes e Cultura (ISAC), p. 169-179.
- VERGARA, S. C. (2000) **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** Rio de Janeiro. 3.ed. Atlas.

Recebido em: 14/02/2026

Aceito em: 04/08/2026

Para citar este texto (ABNT): BARTOLOMEU, Sousa Horácio; MWINIMADZI, Estevão dos Anjos. Análise comparativa das culturas latino-americana, oceânica e moçambicana na perspectiva sociológica. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.6, nº 1, p.235-249, jan./jun.2026.

Para citar este texto (APA): Bartolomeu, Sousa Horácio; Mwinimadzi, Estevão dos Anjos. (jan./jun. 2026). Análise comparativa das culturas latino-americana, oceânica e moçambicana na perspectiva sociológica. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 6 (1): 235-249.

